

Entrevista

Edson Peixoto de Resende Filho possui graduação em História pela UFRJ (1986), mestrado em filosofia pela UFRJ (1993) e doutorado em filosofia Antiga pela PUC-RIO (2000). Atualmente é professor adjunto do departamento de filosofia da UFRRJ. Tem experiência na área de filosofia antiga, com ênfase em Aristóteles e éticas antigas.

***Ensaaios Filosóficos:* Professor Edson, sua formação inicial foi em história e depois mergulhou intensamente na filosofia. Como foi fazer essa transição da história para a filosofia? Conte-nos um pouco sobre sua carreira acadêmica.**

E. P. Resende Filho: ‘Muitas vezes atribuímos uma data ao começo das nossas vidas; “a partir daquele momento, comecei a existir verdadeiramente.” Assim nascemos em qualquer idade, com 17, 20 anos e às vezes até mais tarde ainda. Parece que antes disso a vida não era nada, antes dessa decisão, dessa virada. Isto é desprezar a aprendizagem e as inclinações, determinações bem arraigadas, preferências e até uma firme disposição, ordenada para nossas experiências. Esquecemos que já somos o que somos. Já o éramos antes de enunciá-lo. O aparelho está montado. Ainda não foi testado, mas está lá como um motor imóvel.’ (Anne Cauquelin: *Aristóteles*)

Iniciei em crise minha vida acadêmica na faculdade de Psicologia da UFRRJ aos 17 anos, em 1979. Tudo era novidade, a começar pelo *campus* da praia vermelha, muito acolhedor, cheio de espaços e verde. O choque viria, é claro, do contato com os mestres. Já no primeiro período fomos muito exigidos, com uma carga horária puxada, não entendíamos aquilo, nos diziam que era o significativo, mais tarde viria o significado. Eu e os demais colegas tínhamos pouca noção do que era de fato a psicologia, cheguei quando a psicologia estava no olho da crítica às ciências humanas, pois vivíamos o momento da antipsiquiatria. Aprendi com meus mestres a crítica responsável e o trabalho rigoroso com os conceitos e os argumentos. A desconstrução teria que ser interna, nos ensinava uma operação de desparafusamento, não uma ultrapassagem ligeira, mas por excesso de aproximação. Tínhamos que dominar muito bem o alvo da nossa crítica, principalmente as teorias comportamentalistas. Aos poucos ia me sentindo cada vez mais envolvido com as disciplinas periféricas do curso, como filosofia da ciência, lógica, antropologia, história social.

Uma nova crise havia se instalado. O último período do terceiro ano foi um tormento, sabia que tinha que mudar de curso, mas não sabia ainda para qual. A filosofia teria sido uma opção

legítima, entretanto minha inclinação (na época havia lido o livro de F. Ariès *História social da família e da criança*) e a vontade de completar minha formação em humanas, pendiam para o curso de história do IFCS. Lá estavam, como ainda hoje, a filosofia, a sociologia/antropologia e a história. Transferi-me para o curso de história, onde a adaptação não foi tão fácil como pensava, voltei para o ponto de partida. A história das mentalidades era a novidade dos cursos de história, depois da revolução da história econômica e social que tinham substituído a historiografia patriótica, a ênfase estava nos novos objetos, novos problemas e novas abordagens. Ineri-me no setor de história antiga, onde fui bolsista de iniciação do CNPq e concluí um trabalho de historiografia sobre a utilização de fontes nos Anais da História Augusta, uma comparação com os procedimentos da atual metodologia da história. O debate metodológico novamente conduzia-me para a filosofia, neste momento, ainda durante o curso de história, comecei a frequentar as aulas dos professores de filosofia com os quais tive a oportunidade de aprender e dialogar mais aprofundadamente sobre o estatuto das ciências humanas. Os colegas e professores de história então começaram com as ironias quando de minhas intervenções, diziam “fala filósofo”. Na verdade, tinha de novo procedido a uma mudança, invisível para mim, mas muito nítida para os outros.

Ao término do curso de história, decidi mover-me novamente e fui prestar exame para a especialização em filosofia, incentivado por professores de filosofia. O curso funcionaria como um preparatório para o mestrado. Na grade havia quatro disciplinas com duração de um ano, Platão, Aristóteles, Descartes e Kant. Escolhi Aristóteles para estudos no mestrado, novos ciúmes por parte de professores que esperavam de mim um trabalho em Michel Foucault. Aristóteles foi uma escolha ditada por uma preferência confessa, que, como toda preferência, é inexplicável.

“Podem-se enumerar as razões; as do coração fincam suas raízes em não se sabe que emoções. É melhor dizer simplesmente: gosto de Aristóteles.” (Anne Cauquelin)

Na verdade só mais tarde percebi a importância da história naquela escolha pessoal. As leituras dominantes de Aristóteles na época em que comecei a estudá-lo no IFCS eram “sistematizantes, onto-teológicas”, como se o pensamento do Estagirita não tivesse uma história e ao mesmo tempo não estivesse em um determinado contexto histórico. Hoje se tornou muito problemático ler os textos da obra de Aristóteles como se eles tivessem sido escritos todos de uma só vez. E do ponto de vista mais geral, lê-los fora do contexto epistêmico em que a obra foi produzida também se tornou problemático. Isto, entretanto, não invalida a busca de uma ordem das razões internas para a obra, mas faz com que esta ordem interna ganhe em profundidade e fecundidade filosóficas. Aqui estamos já em águas mais profundas, deixemos para navegá-las em outro momento.

Ensaio Filosófico: O que acha da separação entre filosofia e história? Em que medida pode

haver uma composição entre essas duas disciplinas?

E. P. Resende Filho: No final da graduação em história, li um artigo, uma resenha crítica, de um historiador, que se não me falhe a memória, chamava-se Jacques Leonard, era sobre o livro *Vigiar e Punir*, o título era “O historiador e o filósofo”. Neste artigo, o autor cobrava uma base mais empírica das análises de Foucault, bem como a referência à Revolução Francesa etc. Foucault respondeu, em um artigo, “A nuvem e o pó”, onde ironizava conceitualmente as cobranças do Sr. Leonard e a sua imagem implícita que tinha do historiador e do filósofo, pois segundo este, o historiador deve apenas trabalhar na poeira dos arquivos e o filósofo um ser nas nuvens. Em primeiro lugar, Foucault dizia que não fazia história de períodos, mas de problemas e que metodologicamente, o crítico não havia entendido a tese do livro, “as transformações da razão punitiva no sec. XVIII”, momento onde a forma prisão se impôs em uma aparente obviedade. Foucault queria compreender por que as razões que se davam para punir mudaram tão radicalmente, e ele então encontra a resposta no que hoje entendemos como a instauração das sociedades disciplinares. Este longo exemplo ficou marcado na minha memória como devem cooperar história e filosofia, longe do tipo de relação casal fatal, aumentar a força de um, significa diminuir a do outro. Mas pelo contrário, uma mútua parceria é possível, desejável até, e somos nós enquanto comunidade acadêmica que devemos construí-la.

***Ensaios Filosóficos:* Atualmente o senhor compõe o quadro de professores do curso de filosofia da UFRRJ, que é um curso novo, ministrando aulas de filosofia antiga, e, de certa forma, acaba recebendo os alunos logo nos primeiros anos do curso. O que tem observado de comum nos alunos que buscam pelo curso de filosofia? O que tem a nos dizer do curso de filosofia na Rural?**

E. P. Resende Filho: Vou começar pela última pergunta. Ingressei em março de 2010 na filosofia da Rural, durante os anos anteriores trabalhei como coordenador da filosofia na UGF, experiência interessante e difícil que posso em outra oportunidade relatar. Na Rural a reestruturação da parte administrativa está em curso e muitas mudanças interessantes estão acontecendo. O REUNI é, juntamente com o empenho de setores dos funcionários, o motor desta transformação. O departamento de filosofia foi recentemente criado, temos várias modalidades de bolsistas no curso e também um curso de licenciatura em filosofia no *capus* avançado de Nova Iguaçu. Este último, denominado “Segunda Licenciatura”, está direcionado para os professores de segundo grau, que queiram ter uma segunda licenciatura. É um curso mais curto, em dois anos, pois os candidatos já fizeram as disciplinas de licenciatura. Estamos em parceria com a UERJ e outras instituições

públicas apoiando o projeto do MEC que pretende para 2012 oferecer cursos de especialização na modalidade EAD. No caso da filosofia da Rural, a especialização é sobre o “Ensino da Filosofia”. Estamos diante de um desafio e tanto. Assim como que sentados em cima de um vulcão, pois os questionamentos sobre o ensino na modalidade EAD, o ciberespaço, o virtual, são questões filosóficas desafiadoras e ainda indefinidas.

Quanto à primeira pergunta, é verdade que minha experiência docente esta focada nos dois primeiros períodos, mas ofereço também disciplinas, como Tópicos especiais, nas quais podem se inscrever alunos de todos os períodos. Os primeiros períodos são fundamentais para os alunos, de modo geral eles não sabem o que vão encontrar e estão em um estado de perplexidade e questionamento abismal. Assim, cabe ao corpo docente ter cuidados especiais e um empenho redobrado na qualidade das aulas, da orientação acadêmica e do contato pessoal. Nós sabemos que para a experiência pedagógica se realizar é necessária basicamente quatro coisas: competência do professor; acordo em relação ao programa, dedicação dos alunos e afetos recíprocos. Estamos buscando aperfeiçoar este quadrilátero. É importante também para nós da UFRRJ que a demanda pelo curso tem crescido, graças aos novos procedimentos de ingresso na universidade pública e os esforços de professores que conseguem aquele *plus* de dedicação e acreditam na expansão da filosofia, aqueles que são capazes de consertar a aeronave em pleno vôo. Hoje, podemos contar em nosso corpo docente também com alunos de várias regiões do país, o que muito nos alegra. Mas sinto que falta a integração com os alunos dos cursos de filosofia do Rio de Janeiro. Fica aqui um convite e uma provocação, vamos interagir mais. Eu senti este clima na proposta da entrevista e por isso aceitei-a com prazer, da qual sou muito grato e espero contribuir para essa aproximação.

***Ensaio Filosófico:* Atualmente quais são seus projetos de pesquisa? O que vem pesquisando?**

E. P. Resende Filho: Meu projeto de pesquisa na UFRRJ está focado em Aristóteles, particularmente na sua *Metafísica*, com o qual obtive uma bolsa de iniciação científica para um dos meus orientandos. Venho estudando também Teofrasto, o discípulo “fiel” de Aristóteles, como a tradição o denomina. Recentemente fiz um Projeto para a FAPERJ sobre a relação entre o livro XII da *Met.* de Aristóteles e o opúsculo de Teofrasto, também chamado *Metafísica*, com o intuito de, a partir de uma hipótese da proximidade cronológica entre estes textos, apreender melhor a afinidade conceitual e problemática deles. Este projeto foi elaborado com o intuito de conseguir uma bolsa de iniciação científica para um ótimo aluno da UFRRJ, bem como produzir artigos e uma tradução da *Metafísica* de Teofrasto, pouco conhecida. Penso que uma questão interessante sobre Teofrasto seria a de que muitas vezes se fala que a história da filosofia antiga abortou os marginais, sofistas

cínicos etc. e isto é verdade, mas já tem muita gente estudando estes caras, acontece que com os discípulos dos grandes, Platão e Aristóteles, não se estuda. Espeusipo e Teofrasto estão no limbo eterno e parece que continuaram assim apesar do resgate dos outros excluídos já referidos. Seria interessante analisar os grandes, a partir deste esquecimento interno, que a tradição produziu, com os seus pupilos e suas respectivas originalidades.